

**Migración y Trabajo “Temporal” en los Estados Unidos:  
un abordaje etnográfico del Okemo**

**Migration and “Temporary” Work in the United States:  
an ethnographical approach of Okemo**

**Nombre / Name:** Guilherme Mansur Dias

**Título Acadêmico / Academic Degree:** Mestre em Antropologia Social – UNICAMP (Brasil)

**Fecha de nacimiento / Birth Date:** 21/07/1982

**Dirécción em el país de origen / Address:** Rua Nelson Gomes de Carvalho, 170, Vale do Ipê. Juiz de Fora – MG. CEP: 36035-410

**Teléfono / Phone:** 55 19 91132107; 55 32 32114108

**E-mail:** guiboamansur@yahoo.com.br

## RESÚMEN:

Los Programas para Trabajadores Temporales Extranjeros no son una novedad en los Estados Unidos. Existen en este país desde por lo menos la primera mitad del siglo XX. La reestructuración de las relaciones laborales en el mundo contemporáneo, así como las (re)configuraciones político-ideológicas que ocurren en los EE.UU. en los últimos años, todavía provocan que la utilización de estos programas por determinados empleadores gane nuevos significados. El artículo pretende servir como contribución a las discusiones acerca del desplazamiento internacional de extranjeros a los Estados Unidos a través de estos “Guestworker Programs”. En ello, enseño como un complejo turístico específico, localizado en el estado de Vermont (EE.UU.) – el Okemo Mountain Resort – ha empezado a hacer uso y a estructurar su crecimiento a partir de la utilización de algunos “Guestworker Programs”, reclutando, para eso, trabajadores de los más distintos contextos nacionales. El estudio de caso revela como las estrategias de obtención de este tipo de mano-de-obra flexible por el Resort articulase a los distintos modos por los cuales grupos y sujetos oriundos de contextos sociales distintos representan la experiencia de migración estacional en los Estados Unidos. La presentación de las redes de reclutamiento de estos extranjeros, así como de las diferentes simbologías asociadas a aquel viaje de trabajo sugieren, a su vez, que su experiencia de migración estacional constituyese a través de múltiples prácticas y representaciones, referenciadas simultáneamente a las sociedades de origen y destino de los participantes.

**Palabras-clave:** I- Migraciones Estacionales; II- Programas de Trabajo Temporal; III- Globalización; IV- Estados Unidos – Migración; V- Juventud

## ABSTRACT:

The United States began “Guestworker Programs” during the first half of the 20<sup>th</sup> century. However, the contemporary restructuring of labor relations in the US market has provided new meanings to the use of these programs. This article intends to be a contribution to the discussions about the international mobility of workers in this kind of “Guestworker Program”. It analyses the multiple meanings of the temporary migration of workers from different nationalities to the *Okemo Mountain Resort*, a North-American turistic complex localized in the state of Vermont. I show how, in the current global conjuncture, the *Okemo* made use of "Guestworker Programs" to expand, reshaping its internal labour market in the process. The case-study reveals how *Okemo* strategies' to obtain flexible work-force from abroad are articulated to the different ways in which agents from different contexts represent the experience of temporary migration to the US. At the same time, I show the guestworkers recruitment networks and demonstrate that their experience of seasonal migration is conformed by multiple practises and representations related to their societies of origin and “settlement”.

**Key-words:** I- Seasonal Migration; II- Guestworker Programs; III- Globalization; IV- United States – Migration; V- Youth.

## “Guestworker Programs” nos Estados Unidos

A utilização de Programas para Trabalhadores Temporários Estrangeiros em determinadas atividades econômicas nos Estados Unidos não é, como se poderia supor, uma novidade recente. O país conta com um longo histórico de implementação e relacionamento com esses programas que tiveram utilização pioneira na Europa<sup>1</sup>. Briggs (1986), por exemplo, afirma que foi ainda com o “Immigration Act” de 1917 que foram estabelecidas as atuais fundações das políticas para trabalhadores temporários estrangeiros nos EUA. Além deste impulso pioneiro de intermediação oficial do Estado para a contratação de estrangeiros, o Estado norte-americano lançou mão de diferentes programas para o recrutamento de trabalhadores temporários ao longo do século XX<sup>2</sup>.

Apesar desse tipo de Programa para Trabalhadores Temporários Estrangeiros ter, pois, um certo registro histórico nos Estados Unidos, algumas características parecem distinguir os antigos programas daqueles atualmente em vigência e/ou propostos pelos recentes governos, bem como os discursos e argumentos em torno de sua implementação. Nesse sentido, pode-se dizer que as décadas de 1980 e 1990 foram responsáveis pelo florescimento de novos “Guestworker Programs”<sup>3</sup> no país, bem como pelo redirecionamento e difusão de outros já existentes.

---

<sup>1</sup> Segundo a historiadora Cindy Hahamovitch (2003), os primeiros “Guestworker Programs” oficiais de que se tem notícia datam ainda do século XIX e tiveram ocorrência no Estado prussiano, com a contratação de poloneses oriundos da Rússia e da Áustria, ainda na década de 1880, para o trabalho agrícola em fazendas da Prússia com crescente mecanização, concorrência e crescimento. Além deste programa, Hahamovitch também menciona a contratação oficial de sul africanos por colonizadores ingleses para a extração de riquezas minerais na África do Sul como um “Guestworker Program” também pioneiro e paradigmático.

<sup>2</sup> Dentre eles, o mais importante e conhecido é o “Bracero Program” (1942-1964). O *Bracero* foi um conjunto de acordos bilaterais firmados entre México e Estados Unidos entre os anos de 1942 e 1964 e que permitiram o recrutamento e entrada de mais de quatro milhões de trabalhadores mexicanos nos EUA (HOUSTON e MARTIN, 1980; MARTIN, 1998). Os mexicanos foram recrutados para trabalhos agrícolas em todo o país, apesar de sua concentração ter sido mais expressiva nas fazendas do sudoeste (CALAVITA, 1992, 1994; MARTIN, 1998, 2001). Outros dois programas de referência a serem mencionados são o “The British West Indies Labor Program (BWI)” (1943-1952) e o “The H-2 Program”. O *BWI* foi inspirado no *Bracero* e estabelecido para o recrutamento de trabalhadores das “Índias Ocidentais Britânicas” para vagas no setor agrícola da costa leste norte-americana. Apesar de oficialmente extinto em 1952, o *BWI* continuou a funcionar até ser incorporado pelo programa H-2 para trabalhadores agrícolas (cf. BRIGGS, 2004). O *H-2 Program*, por sua vez, foi criado em 1952, servindo, em larga medida, aos empregadores do setor agrícola norte-americano. Com o *Immigration Reform and Control Act* (IRCA) de 1986, o programa H-2 se dividiu em H-2A – para trabalhadores agrícolas – e H-2B – para trabalhadores não agrícolas – e se encontra em plena vigência no país. (cf. BRIGGS, 2004).

<sup>3</sup> A rigor, a tradução literal de “Guestworker Programs” seria “Programas para Trabalhadores Convidados”. No decorrer do artigo, farei uso da terminologia em língua inglesa. Acredito, no entanto, ser

Philip Martin argumenta que a (re)consideração desses Programas para Trabalhadores Temporários Estrangeiros nos EUA não foge a uma tendência, também recorrente em países da Europa que fazem uso dos mesmos, de substituição de macro “Guestworker Programs”, como o *Bracero*, por programas menores e direcionados especificamente a determinados nichos profissionais (MARTIN, 2003: 8). De acordo com ele, a retomada destes programas se articularia a um tipo de “argumento da globalização” que enfatiza a necessidade de diversificação e aumento da competitividade da mão-de-obra norte-americana no cenário internacional. Desse modo, os “Guestworker Programs” seriam apoiados a partir de argumentações que reforçam a necessidade de maior liberalidade para os empregadores na captação de mão-de-obra estrangeira, devendo ser esta uma mão-de-obra mais instruída e adequada aos imperativos do “competitivo mercado global”.

Usualmente, os autores que se dedicam a refletir sobre os significados da (re)consideração destes “Guestworker Programs” nos Estados Unidos nos últimos anos tendem a relacioná-los, sobretudo, à reestruturação do mercado de trabalho do país. Kitty Calavita (1994), por exemplo, mostra, ao analisar o *Immigration Act* de 1990, como a legislação imigratória norte-americana tem incorporado, nos últimos anos, as demandas e pressões por mão-de-obra de nichos específicos do mercado de trabalho do país através da expansão de programas de visto referentes a atividades econômicas determinadas<sup>4</sup>. Para Calavita, isso acontece porque está em curso uma profunda transformação da economia norte-americana, que gera um número grande de empregos “desprestigiados” em setores específicos e que precisam ser preenchidos com a chegada de novos imigrantes ao país. Neste contexto, de expansão do setor de serviços e de correlata criação de profissões temporárias “desprestigiadas” relacionadas a tal setor, os Programas para Trabalhadores Temporários surgem como uma alternativa para os empregadores que necessitam de mão-

---

mais apropriado pensar em “Programas para Trabalhadores Temporários”, o que, de certa forma, desloca o significado “positivo” conferido a esse tipo de relação de trabalho. Da mesma maneira, traduzo “guestworkers” como trabalhadores temporários estrangeiros e não como “trabalhadores convidados”.

<sup>4</sup> Segundo a autora, essa mudança legislativa fez com que o número de “economic visas” triplicasse sob as provisões das reformas das leis de imigração de 1990: “While this quantitative change is important, perhaps more significant is the act's emphasis on shaping immigration flows to perceived economic needs – a principle that has often driven U.S. Immigration but has rarely been so explicitly pronounced in the legislative process” (CALAVITA, 1994: 76).

de-obra barata, já que haveria um simultâneo aumento da restrição à contratação e chegada de novos fluxos de trabalhadores indocumentados<sup>5</sup>.

Da mesma forma, o antropólogo David Griffith afirma, em seu estudo sobre “guestworkers” jamaicanos e mexicanos vinculados ao programa H-2 nos Estados Unidos (GRIFFITH, 2006), que as principais condições para a (re)emergência desse tipo de Programa de Trabalho Temporário vinculam-se à expansão de serviços de baixa qualificação e prestígio que são evitados pela mão-de-obra local. A argumentação do antropólogo é direcionada a mostrar que a permissividade com que são adotadas essas políticas para trabalhadores temporários estrangeiros nos Estados Unidos hoje só é possível em decorrência de uma ampla precarização das relações de trabalho na atual conjuntura do país e do crescente número de trabalhadores temporários empregados nos mais diferentes setores de sua economia. Assim, a implementação e (re)significação que ganham esses programas na sociedade norte-americana devem ser vistos como corolários diretos da permissividade com que a mesma aceita e adota os trabalhos precários de uma maneira geral<sup>6</sup>.

De fato, a maior aceitação e mesmo promoção dos “Guestworker Programs” nos Estados Unidos nos últimos anos parece se dar em uma conjuntura de intensa utilização de trabalhadores temporários nas mais diferentes atividades econômicas nacionais. Os dados utilizados por Calavita (1994) a respeito da expansão dos empregos temporários nos Estados Unidos ajudam a endossar a argumentação de Griffith. De acordo com a autora, em 1982, aproximadamente ¼ das novas profissões ofertadas no mercado de trabalho dos EUA eram de meio período ou temporárias, ao passo que, uma década depois, metade dessas

---

<sup>5</sup> Nas palavras de Calavita, “Indeed, the current wave of restrictionism is occurring at a time of major dislocations and a profound transformation of the U.S. economy. As the heavy manufacturing sector contracts and the service sector expands, an increased proportion of new jobs are located in the less desirable secondary labor market” (CALAVITA, 1994: 64).

<sup>6</sup> Segundo ele, “As temporary workers become more commonplace in the U.S. Economy, the use of temporary workers has become more acceptable to policymakers, and policies involving temporary foreign workers have ceased being the subject of heated public debate” (GRIFFITH, 2006: 31).

posições já eram para trabalhadores precarizados e sem garantias trabalhistas (CALAVITA, 1994: 64)<sup>7</sup>.

Uma outra explicação recorrente acerca da idéia de “retomada” desse tipo de Programa para Trabalhadores Estrangeiros nos países receptores de imigrantes, e nos EUA em particular, relaciona-se à concepção de “controle” dos estrangeiros e do tratamento das fronteiras a partir de uma perspectiva de segurança nacional, o que se acentua em decorrência do contexto pós 11 de setembro<sup>8</sup>. Os discursos de implementação de “Guestworker Programs” nos Estados Unidos hoje parecem, de fato, estar em sintonia com uma idéia de maior controle e vigilância das fronteiras através do aumento do efetivo policial e da adoção de medidas tecnológicas que viabilizem uma melhor fiscalização dos estrangeiros que entram e permanecem no país. A vinculação entre imigração indocumentada e terrorismo aparece em diferentes esferas da vida social norte-americana e é largamente difundida pela mídia e por discursos políticos que utilizam o tema da imigração para se afirmar<sup>9</sup>. De acordo com tal orientação, os vistos de entrada deveriam ser distribuídos em parceria com um conjunto de medidas capazes de proporcionar um maior “controle” do Estado sobre os estrangeiros que circulam pelas fronteiras dos EUA.

Manuel Pastor e Susan Alva (2004) argumentam, por sua vez, que a oposição aos “Guestworker Programs” por parte de ativistas e advogados defensores dos direitos dos imigrantes nos Estados Unidos tem sido amenizada nos últimos anos em decorrência da constatação do aumento de conexões e vivências transnacionais por parte dos imigrantes.

---

<sup>7</sup> Para mais dados e discussões a respeito da atual difusão dos vínculos empregatícios temporários nos Estados Unidos e em países da Europa, conferir O. Bergstrom & D. Storrie (2003).

<sup>8</sup> A argumentação de Stephen Castles (2006) é, nesse sentido, bastante ilustrativa: “In recent years there has been a tendency to advocate a return to TMWPs in democratic receiving countries. One reason is the perceived demand for migrant workers due to the economic and demographic factors outlined above. A second reason is the realization that border control alone will not fully prevent labor migration, but instead drives it underground. A third reason is the post-September 11, 2001, belief that undocumented migration is a security problem. If migration is going to take place anyway, politicians now think it better to control entrants to ensure that they do not pose a security threat” (CASTLES, 2006: 747).

<sup>9</sup> O discurso de proposição da “Reforma Imigratória” feito pelo presidente George W. Bush no início de seu segundo mandato (<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2004/01/20040107-3.html>) é um bom exemplo de como a preocupação com a “segurança das fronteiras” e com a regulação dos fluxos de estrangeiros que entram no país é responsável hoje por orientar boa parte das propostas de mudança legislativas relacionadas à imigração. O terrorismo desponta como a grande preocupação e ficam implícitas as associações do mesmo àqueles indivíduos que cruzam a fronteira do país de forma “não legal” e “desonesta”. A proposição de “Guestworker Programs” para os Estados Unidos, que também ocorre no discurso, surge como uma decorrência desse argumento de “seletividade” e como panacéia para o “problema” que, segundo essa ótica, a imigração indocumentada representa para o país.

De acordo com seu argumento, a contínua demanda norte-americana por mão-de-obra de baixa qualificação, alimentada por fluxos circulares de migrantes, parece dar cada vez mais força à constituição de fluxos transnacionais – formados por imigrantes que sustentam laços e fidelidades que englobam suas sociedades de origem e destino. Isso faria com que imigrantes e ativistas não enxergassem as opções de estada temporária de forma necessariamente negativa.

Sinteticamente, essas são algumas das principais argumentações feitas sobre a (re)consideração dos “Guestworker Programs” na sociedade norte-americana contemporânea, que têm ressonância e reincidência nos textos de outros autores que se debruçam sobre o assunto (cf., por exemplo, BRIGGS, 2004; HAHAMOVITCH, 2003; RUHS, 2002). Apesar de concordar em larga medida com os argumentos utilizados para justificar a ocorrência de tal fenômeno, proponho neste artigo uma perspectiva analítica que tire a ênfase do entendimento da (re)consideração destes programas do ponto de vista do Estado e da sociedade norte-americana e se atenha às particularidades dos contextos aonde eles são implementados – no caso, o Okemo, um Resort de esqui localizado em Vermont – e às simbologias dos trabalhadores estrangeiros contratados sazonalmente pelo mesmo. Neste caso, creio que a (re)consideração destes programas no mercado de trabalho norte-americano deva ser analisada levando em conta tanto a reestruturação produtiva e a conjuntura política atual dos Estados Unidos como a (re)significação que ganha esse tipo de migração sazonal para sujeitos oriundos dos mais diferentes contextos.

Ao analisar os “Guestworker Programs” somente do ponto de vista da sociedade americana e de seu mercado de trabalho, creio que os autores que escrevem sobre o assunto acabam perdendo de vista um conjunto de complexidades referentes à experiência de deslocamento desses sujeitos e que não são menos explicativas dos processos de globalização, flexibilização do trabalho e mobilidade de mão-de-obra sobre os quais teorizam e fazem constante referência. A alternativa a esse tipo de enfoque será a utilização de uma perspectiva etnográfica que descreve a relação de um empregador específico com essas políticas de contratação de estrangeiros, mantendo-se atenta às representações e

práticas dos sujeitos contratados através destes programas<sup>10</sup>. Ao descrever como empregador e trabalhadores internacionais interagem com alguns “Guestworker Programs” dos Estados Unidos, pretendo demonstrar que a contratação de mão-de-obra estrangeira pelo Okemo tem ocorrência em uma conjuntura norte-americana específica, mas é também dependente de um conjunto de representações articuladas por seus trabalhadores estrangeiros a partir de particularidades e simbologias locais. Tais representações, por sua vez, recaem sobre concepções particulares de “juventude”, “trabalho”, “experiência”, “mobilidade” e “migração sazonal”, concepções às quais o Resort precisa se adequar para satisfazer suas estratégias de escolha e contratação de trabalhadores internacionais.

### **O Okemo e seus fluxos de trabalhadores temporários estrangeiros**

O *Okemo Mountain Resort*, localizado em Ludlow, Vermont, foi criado em 1955. Seu vínculo com a pequena cidade fundada em 1761 e localizada no centro sul desse estado da Nova Inglaterra é bastante grande, já que a montanha de esqui parece ter se desenvolvido também em função da localização do vilarejo em sua base<sup>11</sup>. A criação do Okemo coincide com o desenvolvimento da indústria de esqui em todo o país a partir de meados do século XX e com um ideário de desenvolvimento local gerado pela implantação de atividades econômicas relacionadas ao turismo. O Resort começou como um negócio de abrangência local e foi ganhando projeção, ao longo dos anos, com a ampliação das atividades relacionadas ao turismo de inverno nos Estados Unidos e com a associação do estado de Vermont à prática do esqui e do “snowboarding”.

---

<sup>10</sup> Enfatizo aqui a opção por uma perspectiva teórica que não se preocupa com a análise da mobilidade humana de uma maneira genérica, mas tenta ver aonde, como e através de que práticas e representações diferentes tipos de mobilidade e deslocamento são constituídas e/ou vividas no mundo de hoje. No embasamento de tal perspectiva, menciono particularmente os trabalhos desenvolvidos no âmbito da linha de pesquisa Nação e Diáspora (CEMI/UNICAMP) do projeto “Identidades: Reconfigurações de Cultura e Política”, bem como as propostas e idéias desenvolvidas na revista *Identities* (p.ex.: “Mobilities and Enclosures at Borders” in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol.11, nº3, 2004): “a recent literature uncritically celebrates mobility, mixing, and muddling examples with very different social implications. It is through distinguishing various kinds and consequences of mobility (with corresponding enclosures) that we can develop a critical political economy of movement (...) A central question for us here is not so much one focused on the decline or rise in mobility as a whole, but rather on the active and contested moves (by diverse organizations and people) to mobilize previously restricted goods and people, and to enclose others” (CUNNINGHAM e HEYMAN, 2003: 296).

<sup>11</sup> As afirmações sobre a história do Okemo feitas no texto são fruto de entrevistas com moradores locais e da incursão no pequeno acervo da biblioteca municipal de Ludlow.

No início dos anos 80, o Okemo foi comprado por um jovem casal de investidores e começou a receber investimentos mais significativos por parte dos novos empreendedores. Além do investimento nas instalações do hotel e nas pistas de esqui, o casal decidiu apostar em um modelo de Resort que estava sendo desenvolvido no oeste e que creditava seu crescimento ao “real state development”<sup>12</sup>. A iniciativa obteve bastante êxito e os lucros do Okemo começaram a se multiplicar, assim como também se multiplicaram os fluxos de esquiadores e turistas. A cidade de Ludlow, que antes tinha o turismo como uma atividade secundária, passou a ter o Resort como atividade econômica principal, atraindo uma mão-de-obra de “baixa qualificação” de Ludlow e das cidades circunvizinhas, encarregada dos serviços temporários que o Resort passou a demandar.

Como consequência deste processo de crescimento e ampliação, o Okemo começou, em 1999, a fazer uso de dois “Guestworker Programs” oficiais do Estado norte-americano para a captação de mão-de-obra e preenchimento de suas posições sazonais, ambos relacionados à contratação de mão-de-obra de “baixa qualificação”: o Programa de Vistos H-2B e o Programa J-1 para “holiday workers”<sup>13</sup>. A utilização pelo Okemo do recrutamento de estrangeiros através destes programas começou de maneira tímida e foi sendo ampliado ao longo dos últimos oito anos. O interessante, no caso do Resort, é que cada Programa de Visto relaciona-se a fluxos de pessoas oriundas de países diferentes e dependentes de um histórico particular de contatos da equipe de recursos humanos com recrutadores e empresas/agentes intermediários de contratação sediados nos países de onde elas saem. O

---

<sup>12</sup> Conforme relatou Richard, um morador de Ludlow com quem travei contato durante a pesquisa de campo, o “real state development” nas regiões de esqui refere-se ao planejamento de condomínios de luxo que são construídos ao longo das pistas e nas terras que circunscvem o Resort e vendidos aos endinheirados turistas que residem majoritariamente em grandes cidades e que vêm para o complexo passar parte de suas férias ou os fins de semana. A atividade mais lucrativa do Okemo até hoje corresponde, segundo ele, à construção e venda de casas de inverno desse tipo.

<sup>13</sup> Os vistos H-2A e H-2B são fruto da extensão legislativa de um antigo programa de trabalho temporário para trabalhadores agrícolas que vigora nos Estados Unidos desde o *Immigration and Nationality Act* de 1952 – o “H-2 Program”. Eles são emitidos pelo Departamento de Imigração norte-americano e contam com uma certificação do Departamento de Trabalho (*U.S. Department of Labor*) no sentido de comprovar a inexistência de mão-de-obra local para o preenchimento das vagas por estrangeiros. O visto J-1, por sua vez, apesar de ser direcionado a “exchange visitors”, permite a contratação de universitários – “holiday workers” – para o desempenho de atividades de “baixo prestígio” no país. Este visto foi implementado em 1961, através do *Fullbright-Hays Act*, com o intuito de promover o intercâmbio educacional e cultural entre os Estados Unidos e os demais países do globo. Emitido pelo Departamento de Estado norte-americano, uma das concessões desse visto é feita para “Work and Travel Programs”, Programas de Trabalho Temporário destinados a atrair jovens universitários residentes de diferentes países para serem empregados em posições de “baixa qualificação” demandadas por empregadores do país.

relacionamento com esses Programas de Visto por parte do complexo acabou significando, também, uma distribuição das posições sazonais mais adaptada às demandas e características dos fluxos de trabalhadores recrutados através dos mesmos.

Deste modo, podemos distinguir três fluxos de trabalhadores estrangeiros contratados sazonalmente pelo Okemo. O primeiro deles trata-se de um grupo de jovens de origem sul americana contratados através do visto J-1 e de empresas intermediárias localizadas em seus países e nos Estados Unidos. Eles ocupavam, no Okemo, posições de trabalho relacionadas aos restaurantes, lanchonetes e creches. O segundo grupo, formado por “trabalhadores australianos e neo-zelandeses”, corresponde a um contingente de jovens recrutados através do Programa de Visto H-2B por representantes do Okemo que vão diretamente em Resorts de esqui destes países para convencê-los a trabalhar por uma temporada no complexo. No Okemo, esse grupo era responsável por atuar em posições externas diretamente relacionadas aos esportes de inverno. Finalmente, havia um grupo formado por “trabalhadores jamaicanos”. Contratados por intermédio de um agente em seu país e também através do visto H-2B, eles eram, no complexo, responsáveis pelo preenchimento de funções relacionadas à limpeza e à alimentação.

Durante a pesquisa de campo, pude notar que a construção das diferenças entre esses grupos era constante e feita, em consonância e a despeito de suas vontades, por empregador, Estado, recrutadores e por eles próprios. Tais diferenças diziam respeito, sobretudo, à sua origem nacional e de classe, ao tipo de visto que portavam, à forma como eram recrutados, às posições de trabalho e moradia que ocupavam no complexo e, principalmente, às representações criadas em torno de sua experiência no exterior. Apresentarei, em seguida, uma descrição pontual de algumas das características desses grupos, bem como das principais diferenças explicitadas no decorrer da pesquisa, de forma a melhor qualificar as maneiras pelas quais Okemo e trabalhadores internacionais interagem cotidianamente, bem como as representações dos últimos diante de sua experiência de migração sazonal nos Estados Unidos.

## Deslocamento como “Investimento Pessoal”: a Experiência dos Sul Americanos no Okemo

O fluxo de trabalhadores sul americanos que trabalhavam no Okemo era canalizado para o Resort através de um programa de trabalho temporário conhecido como “Work Experience” ou “Work and Travel” e direcionado a estudantes universitários oriundos de nações com as quais os EUA mantém boas relações diplomáticas. O programa funciona através de empresas e agentes públicos e privados que atuam nos Estados Unidos e nestes países. Os inscritos entram nos EUA através do visto J-1, que foi criado, em 1961, com o intuito de difundir um imaginário “pacifista” em torno de experiências de “ intercâmbio cultural” entre cidadãos de países alinhados ideologicamente aos Estados Unidos e à Europa Ocidental<sup>14</sup>.

A contratação desses universitários é feita através de redes de empresas intermediárias bem estruturadas localizadas em grandes e médias cidades de seus países. As empresas aproveitam as ansiedades relacionadas ao significado desse deslocamento internacional para seus participantes e veiculam um discurso de marketing bastante eficaz sobre os imperativos de um certo tipo de “experiência internacional” nos dias de hoje.

A partir da década de 1980, ocorreu em alguns países da América do Sul um crescimento bastante expressivo do número de agências especializadas no recrutamento desses jovens universitários, o que sugere uma ampliação do interesse por esse tipo de programa e maiores facilidades para a concretização dos mesmos. A popularização desse tipo de deslocamento internacional tem relação, portanto, com a expansão desses “intermediários” do setor de serviços e, além disso, com a adoção e difusão, por parte desses agentes, de discursos que qualificam esses deslocamentos enquanto geradores de um conjunto de características pessoais associadas às “demandas” do mundo contemporâneo. O

---

<sup>14</sup> É válido lembrar, neste caso, que o Programa de Vistos J-1 nos Estados Unidos foi criado no período em que vigia a Guerra Fria e os decorrentes confrontos ideológicos acirrados entre os EUA e a antiga União Soviética. Mais do que simples fomento da “paz mundial”, a criação de tais programas parece também ter sido incentivada em decorrência da necessidade de difusão ideológica positiva do(s) modelo(s) de vida capitalista, com as decorrentes idéias de “livre trânsito”, “cooperação” e “aprendizado cultural”. De acordo com a definição do Departamento de Estado norte-americano: “The Exchange Visitor Program is carried out under the provisions of the *Mutual Educational and Cultural Exchange Act of 1961*, as amended. The purpose of the Act is to increase mutual understanding between the people of the United States and the people of other countries by means of educational and cultural exchanges. International educational and cultural exchanges are one of the most effective means of developing lasting and meaningful relationships (...)”. Retirado de [http://travel.state.gov/visa/temp/types/types\\_1267.html#1](http://travel.state.gov/visa/temp/types/types_1267.html#1). Acesso em 05/01/2007.

programa “Work and Travel” é oferecido pelas agências em sintonia com um discurso de “imperativo de deslocamento internacional” e “aprendizado multicultural” e proposto como uma alternativa para aqueles que não desejam ou não podem despende uma quantia volumosa de dinheiro para uma “experiência no exterior”.

A grande vantagem do programa “Work and Travel”, segundo os folhetos de marketing dessas agências intermediárias, é justamente a possibilidade do “intercambista” ter acesso a uma “outra cultura”, podendo aprimorar ou aprender uma “nova língua”, demonstrar que tem “flexibilidade” para se adaptar a outro ambiente e, ainda, ter acesso novamente a parte do dinheiro que “investiu”, já que ele é remunerado pelos serviços prestados às empresas norte-americanas. Nesse sentido, o programa atrai um público de jovens universitários oriundos de classes médias urbanas um pouco mais privilegiadas. Apesar de não fazerem parte da elite econômica das nações em que residem, esses jovens têm acesso às universidades e a oportunidades relativamente boas no mercado de trabalho destes países da América do Sul.

Do ponto de vista dos empregadores norte-americanos que fazem uso dessa mão-de-obra universitária, por sua vez, as características da mesma parecem bastante atraentes no que concerne a seus projetos de acumulação. Além desses trabalhadores serem gratuitos na contratação, baratos na remuneração e bastante qualificados para as posições que ocupam nos Estados Unidos, o caráter de sua empresa no país é temporário e sem vínculos com sindicatos ou instituições locais. De fato, ocorre um efetivo interesse de muitos empregadores por estes mais de cem mil jovens<sup>15</sup> que trabalham anualmente em programas “Work and Travel” “sazonais” nos Estados Unidos. A indústria do turismo parece ser a que mais se beneficia com a contratação de mão-de-obra dessas pessoas, apesar de não ser a única a fazer uso desses trabalhadores em suas posições<sup>16</sup>.

O programa “Work and Travel” com visto J-1, apesar de toda propaganda do Estado relacionando-o à etiqueta de “ intercâmbio cultural”, acaba tendo, pois, o papel de

---

<sup>15</sup> No ano de 2005, o departamento de estado emitiu 106.000 desses vistos para estudantes que participaram “Work and Travel Programs”.

Retirado de [http://www.workpermit.com/news/2006\\_04\\_20/us/resorts\\_need\\_short\\_term\\_workers.htm](http://www.workpermit.com/news/2006_04_20/us/resorts_need_short_term_workers.htm).

<sup>16</sup> Durante a pesquisa, conversei com pessoas que participaram do programa “Work and Travel” em diversas regiões dos Estados Unidos. A grande maioria dizia ter trabalhado em Resorts, hotéis, restaurantes, lojas de artefatos e cassinos. Mas houve relatos de sujeitos que se empregaram em lojas de conveniência mais estruturadas – como as redes Mc Donald’s e Starbucks – e outros, ainda, que chegaram a trabalhar para indústrias do setor secundário.

estabelecer a ponte entre esses empregadores do setor de serviços norte-americano e os jovens universitários da América do Sul, de forma a conciliar as vontades de ambos. No caso do empregador, a vontade de obtenção de uma mão-de-obra atraente e de relativo baixo custo e, no caso dos “viajantes”, a vontade de deslocamento internacional decorrente do acesso a um certo tipo de “experiência” extremamente valorizada no “mundo globalizado” e supostamente contida no programa.

Uma recorrência estrutural das falas e motivações dos trabalhadores sul americanos que estavam no Okemo é que aquela viagem parecia se afigurar como uma realização de efetivo sentido para suas vidas e contextos locais, sendo as experiências nesse sentido vistas como enriquecedoras e necessárias no “mundo atual”. O sentido da viagem para aqueles jovens aproximava-se de uma idéia própria de “investimento pessoal”, sendo interpretada de forma um pouco mais “pragmática” e calcada na “rentabilidade” proporcionada por aquele tipo de experiência. Sua viagem e vivência, afastados diretamente de uma concepção puramente hedonista, associavam um conjunto amplo de ganhos relacionados à carreira e às experiências pessoais demandadas pelo “mercado de trabalho” e pela “globalização”. Assim, de acordo com eles, estariam supostamente contidas em sua experiência oportunidades de “aprimoramento da língua inglesa”, “investimento pessoal” e um diferencial no mercado de trabalho que seriam gerados automaticamente através da participação no programa “Work Experience”.

A fala de Paulo, participante do programa “Work and Travel”, demonstra o vínculo existente entre a vivência proporcionada pela experiência nos EUA e uma inserção futura pouco mais “facilitada” no mercado de trabalho de seu país. Além do aprimoramento das habilidades da língua inglesa significar uma ampliação de suas possibilidades no mercado de trabalho de seu país, as representações diante daquela experiência de migração sazonal preocupavam-se incisivamente com os ganhos que tal experiência poderia proporcionar para suas vidas profissional e pessoal:

*“Procurei o ‘Work and Travel’ porque precisava desse tipo de experiência... Na verdade, queria melhorar o inglês e mesmo estudando aqui fica difícil porque você não tem aquela imersão necessária. E também é muito importante hoje em dia ter esse tipo de experiência internacional (...) Quando você participa de dinâmicas de grupo para estágio ou trainee, é sempre bom ter alguma coisa para contar sobre viagem ou coisas assim. Pega*

*bem, porque mostra que você está disposto a enfrentar desafios, que é flexível e que está aberto a novas experiências”.*

Assim, pude apreender, durante a pesquisa de campo no Resort, uma certa conjunção entre o tipo de ansiedade relativa ao futuro profissional dessas pessoas e as perspectivas de “deslocamento”, “juventude” e “carreira” que sustentavam. Para eles, as percepções temporais de presente e futuro pareciam se confundir e a vivência (presente) daquele tipo de experiência era confortavelmente traduzida em uma concepção de investimento (futuro) em suas carreiras e vidas. Como salientou Cassiel, um colega chileno, participar daquele tipo de “experiência” nos EUA não era “perda de tempo”. Estar lá, fazer parte da equipe de trabalhadores temporários de “baixa qualificação” do Okemo, significava simultaneamente estar no país de origem, aprimorando suas habilidades, ampliando suas possibilidades de emprego e traçando um determinado futuro profissional – que se confunde, no caso, com futuro pessoal – em seus contextos locais.

Deste modo, pode-se dizer que os sentidos que davam a seu deslocamento referiam-se, de certa forma, mais ao retorno do que à estada em si e a viagem surgia como uma marca reforçada de status e de posicionamento social e profissional em seus contextos sociais locais. As concepções de futuro e presente que nutriam articulavam-se, neste caso, à idéia de um tipo de experiência que só podia ser vivida durante a juventude – que entendiam como o período de suas vidas em que preparavam o terreno de seu “futuro” profissional.

Não há novidade em posicionar a viagem como marca de distinção e poder de grupos específicos. Para vários contextos e épocas, viagens de diferentes tipos tornaram-se sinônimo de distinção social e foram utilizadas como veículo de obtenção de prestígio e poder locais (cf., p. ex., ADLER, 1985; MACHADO, 1997; RIBEIRO, 1997). O que a perspectiva daqueles jovens diante de sua experiência de viagem insistia em postular era a necessidade deles obterem, através dessas viagens internacionais, benefícios que estariam diretamente atrelados a “conquistas pessoais”. Nesse sentido, viajar transforma-se em um veículo para a obtenção de ganhos pessoais e a viagem a trabalho, neste caso, não deve ser

interpretada como um movimento subjetivamente desvinculado de interesses pragmáticos distanciados de suas concepções de “carreira” e “futuro”<sup>17</sup>.

Essa perspectiva é, de certa forma, oposta àquela adotada pelos trabalhadores vinculados ao “tramping-system” inglês estudado por Adler (1985). O sistema de “tramping”, que atingiu seu apogeu no início do século XIX, baseava-se no deslocamento de artesãos e comerciantes pelo interior da Inglaterra em busca de trabalho e atividades de subsistência. Segundo Adler, este sistema pode ser visto como um padrão de viagem e deslocamento muito bem institucionalizado que, apesar da função instrumental de fornecer mão-de-obra para atividades que dependiam desses trabalhadores, trazia consigo “elementos turísticos” e servia aos jovens participantes como uma espécie de “Grand Tour” da classe trabalhadora. Ou seja, ao passo que os trabalhadores vinculados ao sistema de “tramping” inglês formulavam um olhar turístico diante de seu deslocamento e, portanto, desvinculado de seu ofício, esse “trabalhador-viajante” recrutado na América do Sul parece querer vincular sua perspectiva de viagem à noção de carreira e futuro que leva consigo. Se, como diz Adler, os trabalhadores vinculados ao “tramping-system” eram motivados não somente pela procura de trabalho, mas também pelo desejo de aventura e visitação turística, esses jovens sul americanos parecem mais impulsionados a tais atividades quando as mesmas têm um valor de “investimento” a elas atreladas.

---

<sup>17</sup> A aproximação da viagem à noção de “investimento pessoal” pode ser melhor esclarecida a partir da argumentação do trabalho do sociólogo Osvaldo López-Ruiz (2004). Em sua tese de doutoramento, o autor argumenta que a partir de formulações e inovações da ciência econômica feitas pela Escola de Chicago durante a década de 1960 – nomeadamente, da “teoria do capital humano” – e difundidas para diversos contextos sociais nas décadas posteriores, uma nova concepção e novos valores a respeito do indivíduo e do “humano” assumiram uma importância crucial na definição do *ethos* através do qual muitos sujeitos conduzem suas vidas. Para sustentar tal argumento, o autor recorre à análise da teoria do capital humano e da difusão da mesma associada a outros movimentos importantes nessa virada de século, como o “novo empreendedorismo”. Para López-Ruiz, a grande mudança provocada pela “teoria do capital humano” está na inversão profunda de valores operada ao se substituir a noção de “consumo” pela noção de “investimento”. No caso, o trabalho passa a ser teoricamente compreendido não somente como um fator de produção, mas como “produto de um investimento”, de modo que o trabalhador vira sinônimo de um item de equipamento do mesmo e suas habilidades, conhecimentos e destrezas podem ser geridos a partir dessa lógica. A grande mudança, neste caso, é que a teoria proporciona uma inversão moral para atitudes, ações e características subjetivas e pessoais passarem a ser livremente pensadas e vistas como suscetíveis de agregação de valor. Em suas palavras, “Foi Chicago, então, que conseguiu estabelecer uma teoria mundialmente conhecida e amplamente aceita sobre o capital humano mas, e, sobretudo – queremos propor –, foi através dela que um conjunto de valores e crenças sobre o humano, associados ou derivados dos postulados de uma teoria econômica, puderam ser socialmente sustentados (...) A partir de seus postulados “cientificamente verificáveis”, o humano passa a ser entendido como uma forma de capital e, portanto, o “capital humano” e tudo o que se faça para incrementá-lo é investido de um valor positivo: cada pessoa deve – porque é economicamente conveniente, mas também porque é “moralmente bom” – aumentar suas habilidades, competências e destrezas a partir de “investimentos” constantes” (LÓPEZ-RUIZ, 2004: 38).

A difusão desse tipo de imaginário pragmático relacionado às viagens parece fruto de processos abrangentes. De certo modo, o pragmatismo referente às experiências de viagem não se restringe somente à percepção desses jovens pertencentes a classes médias urbanas de países da América do Sul. A análise de Munt (1994), por exemplo, enfatiza a importância crescente dos processos de certificação auferidos pelas viagens internacionais para diferentes contextos e situações sociais<sup>18</sup>. O que torna peculiar a percepção dos processos de significação simbólica do deslocamento e estada daqueles jovens latinos no Okemo, no entanto, é o fato dessa aproximação pragmática da viagem ser sustentada, no seu caso, através da utilização da idéia – nem sempre explícita – de “investimento pessoal”, idéia responsável por amalgamar suas projeções e percepções específicas de “futuro” e “juventude”.

Neste caso, as empresas de recrutamento são explícitas em atrelar a importância da inserção de seus clientes nesse tipo de fluxo a seu melhor posicionamento no mercado de trabalho local ou internacional. O que o marketing das empresas intermediárias que atuam no setor tenta condensar é justamente a conjunção desse emaranhado de oportunidades derivadas de um certo tipo de “experiência internacional”. O Okemo, por sua vez, utiliza essas redes de recrutamento já estruturadas através de contatos simples com agentes instalados nos Estados Unidos. Com a descentralização dos processos de contratação desses jovens e com as despesas de recrutamento totalmente custeadas pelos mesmos, o complexo angaria uma mão-de-obra barata e completamente desvinculada de qualquer relacionamento mais sólido com o Resort. A conveniência do deslocamento desses sujeitos para o Okemo parece, assim, caminhar ao lado da importância que esse tipo de viagem adquire para suas perspectivas de vida pessoal e profissional, não sendo o vínculo estabelecido com o complexo mais duradouro do que uma temporada.

De certo modo, a distribuição das posições de trabalho pelo Okemo acabava incorporando algumas dessas interpretações dos jovens sul americanos, ao mesmo tempo que permitia dar vazão às mesmas. Esses universitários tinham acesso às melhores posições temporárias oferecidas pelo Resort e não pareciam dependentes desse tipo de emprego ou

---

<sup>18</sup> De acordo com o autor, “travelling has emerged as an important informal qualification with the passport acting, so to speak, as a Professional certification; a record of achievement and experience. Not only is travel a professional prerequisite for employment in parts of a restructured postmodern tourism industry, but is an important attribute in many new professions, such as overseas development work” (MUNT, 1994: 112)

programa para o sustento próprio ou de seus familiares além-mar. Com uma bagagem universitária e uma possibilidade maior de interagir positivamente com os turistas, pelo fato de sua viagem ter por incentivo exatamente esse tipo de relacionamento, os “intercambistas” ocupavam, no Okemo, posições mais prestigiosas e, apesar do não completo domínio do idioma, trabalhavam no atendimento direto ao público, como garçons e caixas, ou cuidando dos filhos dos esquiadores na creche do complexo.

A experiência dos jovens sul americanos que vão trabalhar no Okemo articula, dessa forma, representações relativas ao Estado, às empresas intermediárias que alocam-nos no mercado de trabalho norte-americano, ao Resort que os emprega nos EUA e, é claro, às suas próprias expectativas, projeções e vivências. Neste último caso, suas concepções de “juventude”, “investimento” e “futuro” encontram-se diretamente associadas às expectativas e significados que mantêm diante da viagem a trabalho aos EUA. A inscrição dos jovens no programa “Work Experience” significa, assim, uma preocupação bastante acentuada com o “futuro” e com a gestão de um empreendimento pessoal com oportunidades potenciais durante aquela fase da vida. Ainda que não restrita somente a isso, todavia, há que se salientar a peculiaridade do deslocamento desses jovens sul americanos para os Estados Unidos, que relacionava, sobretudo, a importância e vinculação daquele tipo de experiência a perspectivas de “futuro” e “investimento pessoal”.

#### Estilo de Vida como Representação do Trabalho: a Experiência dos Australianos e Neozelandeses no Resort

O grupo de trabalhadores australianos e neozelandeses contratados sazonalmente pelo Okemo era composto por jovens da classe trabalhadora desses países que vinham para o complexo a partir de experiências prévias de trabalho em Resorts de esqui localizados nas montanhas australianas e neozelandesas. A grande maioria não tinha formação universitária e parecia se empregar, previamente, em serviços de “baixa qualificação” em seus países de origem, antes de começarem a trabalhar para esses Resorts na Oceania<sup>19</sup>. A entrada desses

---

<sup>19</sup> Segundo conversas e entrevistas feitas durante a pesquisa de campo, várias foram as atividades que esses jovens disseram ter realizado nos países de origem antes de se inserirem nesse tipo de “profissão” relacionada aos esportes de inverno. Eles disseram ter trabalhado em escritórios de arquitetura, navios de pesca, vinícolas, empresas de ferragens e material de construção e atividades do setor de serviços relacionadas à hotelaria, como restaurantes, bares e cafés.

jovens nesses empregos sazonais relacionados aos esportes de inverno, por sua vez, teria se dado, segundo seus relatos, como uma alternativa à vida que levavam anteriormente ou com intenções relativas à articulação de um conjunto de experiências e vivências específicas obtidas a partir do trabalho nesses grandes complexos turísticos.

Nesse sentido, a inserção desses jovens em tais atividades laborais parece sugerir uma “fuga” de uma realidade prévia e dos vínculos sociais e de trabalho existentes nos contextos australiano e neozelandês de onde provinham, o que ocorre a partir de interpretações que vinculam tal “mudança” a projeções e concepções de vida e juventude determinadas. Pelo que pude apreender das falas e justificativas desses sujeitos, a procura por “mudança” em suas vidas dava-se justamente em contraponto a sentimentos de tédio e imobilidade associados aos empregos a que encontravam-se previamente vinculados em seus países de origem e, principalmente, em função do descompasso daquele tipo de vida com o que desejavam para sua “juventude”.

Essa noção de “mudança” ou procura por um novo “estilo de vida” associava-se, assim, às imagens que sustentavam sobre “juventude” e sobre a procura hedonista por lugares que propiciassem a reunião de outros sujeitos com as mesmas intenções de “trabalho” e “divertimento”. A vinculação dos esportes de inverno a lugares paradisíacos e à possibilidade de conciliação entre atividades laborais e turísticas eram bastante recorrentes nas falas dos australianos e neozelandeses, sendo a procura pelas “Resort towns” e pelos empregos gerados nesses grandes complexos turísticos adequadas justamente a esse tipo de expectativa e desejo. No seu caso, tais projeções e estereótipos aproximam-se bastante da descrição feita por Desforges (2000) sobre a identidade de jovens ingleses (backpackers), que enxergam a juventude como um importante momento de constituição e agregação de “novas experiências”<sup>20</sup>.

A noção de juventude articulada pelos australianos e neozelandeses com quem convivi no Okemo parecia incorporar aspectos relativos à formatação de um certo tipo de identidade somente possível a partir de vivências geradas por experiências de

---

<sup>20</sup> Segundo o autor, “Youth is imagined as a period in life when new experiences are important. In later periods of one’s life, according to Jenny and other young tourists’ narratives, commitments to others, in the form of jobs and personal relationships mean that it is impossible to pursue new experiences through mobility. These participants felt that unless they experienced the world in their youth, they would feel a sense of lack later in their lives having missed out on the opportunity to develop a youthful identity for themselves” (DESFORGES, 2000: 937).

“afastamento”, “deslocamento” e “mudança”. Neste caso, aquele tipo de viagem era procurada e tematizada como fonte de alimentação dessa perspectiva. Essa espécie de desejo de aventura e evasão, por sua vez, vinculava-se também à prática dos esportes de neve, o que significava, no seu caso, a adesão a uma vida mais errante – pelo menos durante um certo período – e relacionada a discursos e práticas expandidos pelos imaginários do turismo e da globalização contemporânea, que aproximam experiências de deslocamento a fontes de “aprimoramento” e “desenvolvimento pessoal”.

Diferente dos sul americanos anteriormente descritos, no entanto, a relação desses trabalhadores neozelandeses e australianos com aquele tipo de imaginário acerca das viagens parecia menos apegada a noções pragmáticas de “carreira” e “futuro”. No seu caso, a relação com a experiência de migração sazonal era mais hedonista e ficava patente o fato da mesma associar-se a uma certa faixa etária e a um determinado “espírito aventureiro” a ela inerente. Era muito recorrente entre os australianos e neozelandeses que trabalhavam no Okemo a idéia de que estavam ali pelo “prazer” e pelo “estilo de vida”, mas que deveriam, em breve, sair em busca de uma “profissão de verdade”. As oportunidades e empregos gerados nesse circuito eram, de certo modo, vistos como temporários também nas perspectivas de vida daqueles sujeitos e pensados de forma um pouco destoante das concepções de “oportunidade” e “carreira”.

Com dados de campo bastante similares àqueles encontrados em Vermont, Bianchi (2000) sugere a emergência de um tipo de deslocamento que conectaria “turismo” e “trabalho” como manifestações híbridas e essenciais na perspectiva de viagem de jovens ingleses e alemães que saem seus países para procurar empregos sazonais nos grandes Resorts do sudeste da Europa. No caso daqueles jovens, chamados de “migrant-tourist workers” por Bianchi, o autor infere que eles podem ser compreendidos como turistas do ponto de vista dos discursos e práticas que adotam frente a seu deslocamento para os Resorts em que vão trabalhar (e se divertir) e como “migrantes” no sentido de serem alijados das melhores posições de trabalho nas sociedades das quais provém – e de buscarem uma conseqüente (re)inserção nestes novos contextos. No caso, a procura por esse tipo de emprego nos Resorts europeus seria uma forma desses sujeitos evitarem ocupar

as posições de trabalho mais desprestigiadas de seus países, que passaram ou passam por significativa reestruturação produtiva<sup>21</sup>.

Além daqueles sujeitos representarem tal experiência como uma conexão entre “turismo” e “trabalho”, a mesma era tida como uma oportunidade de obtenção de qualificações pessoais associadas a noções de “flexibilidade”, “aprendizado” e “amadurecimento”, o que se aproximava do discurso dos sul americanos no Okemo. No caso dos australianos e neozelandeses, porém, a identificação com o trabalho nas posições de inverno parecia bastante grande. A própria rotina laboral naqueles empregos tinha um certo espaço na constituição de sua experiência e não podia ser compreendida como distante de seus interesses.

O trabalho na estação de esqui, neste caso, antes de surgir como algo desagradável ou como um mal necessário, era interpretado por eles como atraente, em oposição aos “empregos de escritório” a que alguns dedicavam-se antes de participar daquelas posições relacionadas aos empregos de inverno. A rotina laboral figurava como parte integral do “estilo de vida” que pretendiam levar durante parte de sua juventude. Trabalhar no frio, integrando a equipe que “colocava o Rersort para funcionar”, era incorporado pelos australianos e neozelandeses como algo positivo, além de ser uma experiência que os parecia preencher internamente. Neste caso, tal como sugeriu Bianchi (2000: 124) para os grupos de “migrant-tourist workers” europeus, o trabalho parecia ser vivido não como uma necessidade desagradável ou como um pré-requisito necessário para a vivência de outras experiências relacionadas ao lazer e ao turismo, mas como uma atividade importante em si mesma e constitutiva do tipo de experiência almejada<sup>22</sup>.

Os australianos e neozelandeses pareciam ter, portanto, uma relação positiva com as atividades de trabalho desempenhadas nas posições externas. Nesse sentido, a experiência de trabalho pesado no frio não era necessariamente contada como alguma coisa sofrida. O fascínio pelo lugar, que articula essa dimensão híbrida entre trabalho e turismo, era tido

---

<sup>21</sup> Para Bianchi, “In this respect it can be argued that they are an outcome of the declining centrality of one’s occupation as a social category and locus of identity on the one hand, and a liberation from the drudgeries of work (and unemployment) associated with their ‘home’ societies on the other” (BIANCHI, 2000: 122).

<sup>22</sup> Nas palavras do autor, “whereas work was an ‘unpleasant necessity’ for Cohen’s drifters, it is central to the experience of migrant tourist-workers not merely to facilitate onward travel, but as something which is fulfilling in itself. Thus the balance is shifted away from the hippie mythology of drifting, to something much more purposive and calculating” (BIANCHI, 2000: 124).

como ancoradouro do sentido dado por muitos australianos e neozelandeses a sua experiência e a rotina de trabalho agregava um conjunto de outros valores à sua experiência, vinculando-os ao dia a dia da estação de esqui, através do contato com o clima e com outros esquiadores.

Pode-se dizer que um sentido comum partilhado e procurado por essas pessoas no dia a dia de trabalho era um certo “dinamismo” decorrente da atuação naquele tipo de atividade. Em certo sentido, a rotina laboral era vista como sinônimo de “movimento” e “ação”. Ainda que tal rotina fosse, a meu ver, pacata e repetitiva, notava-se que esses estrangeiros buscavam burlar esse tipo de interpretação, fazendo daqueles empregos tarefas dinâmicas e de “alta responsabilidade”. Isso se dava porque a relação que tinham com essas posições de trabalho era simultaneamente uma relação com a estação de esqui, com os esportes de neve que praticavam e com estereótipos que sustentavam relacionados àquele tipo de experiência.

O recrutamento do Okemo na Austrália e na Nova Zelândia, por sua vez, parece incorporar de forma bastante eficaz essas diferentes imagens e discursos relacionados ao tipo de vivência procurada por australianos e neozelandeses. Alguns dos supervisores do Okemo vão anualmente a ambos os países e oferecem, em palestras de contratação, as condições para que os jovens continuem a praticar o esporte que gostam, tendo, ainda, a oportunidade de fazê-lo através de uma viagem aos Estados Unidos. Deste modo, o Okemo angariou, através da manutenção do contato com Resorts de esqui destes países, trabalhadores com uma responsabilidade notável, além de terem a experiência de pelo menos uma temporada nas posições em que ocupam no complexo. Do ponto de vista dos trabalhadores, por sua vez, esse parece ser um tipo de experiência bastante cativante e que o Okemo sabe muito bem manipular. Harry contou um pouco de como se sentiu após a entrevista de contratação do Okemo feita no Resort de esqui em que ele trabalhava na Austrália e das ansiedades e motivos que ajudaram a trazê-lo para o trabalho temporário nos Estados Unidos:

*“Quando fui à entrevista, só estava procurando alguma coisa para fazer, como eu te disse. Mas depois que saí de lá, a coisa parecia tão interessante... continuar fazendo o que eu gosto e conhecer outro país! E no final da entrevista, me ofereceram uma posição de liderança’ na mesma hora e você fica surpreso porque no fim da entrevista já te oferecem uma posição mais alta, com mais dinheiro e quando voltei para casa pensei que*

*queria ir e que era uma boa chance de conhecer os Estados Unidos também. E ficar um tempo por lá e ainda com dinheiro... e ainda ter neve!”.*

O recrutamento feito pelo Resort acabava angariando, através do reforço e difusão dessas imagens, um tipo de trabalhador profundamente apropriado para a manutenção das operações da montanha: jovem, disposto e interessado em arcar com os próprios custos de uma longa viagem no intuito de praticar o esporte que ama, trabalhar em uma posição que parece renegada pela maioria dos norte-americanos locais ou pelos trabalhadores estrangeiros, mas com a qual interage supostamente bem e, ainda, viajar e viver novas experiências dentro dos Estados Unidos ou em outros países. As motivações inerentes ao deslocamento desses sujeitos – e vinculadas a sua perspectiva diante da rotina de trabalho e lazer na estação de esqui – pareciam, pois, muito bem manipuladas pelo empregador dos EUA. A sede por novas “experiências” e “vivências” fazia parte de suas falas e sua imersão sazonal no mercado de trabalho norte-americano tinha o interesse de dar vazão a imaginários de “juventude”, “aventura” e “dinamismo” relacionados àquele tipo de prática.

Dessa forma, o recrutamento desses “trabalhadores-viajantes” internacionais por parte do Okemo incorporava bastante bem as representações dos próprios estrangeiros diante daquela experiência. A tentativa de materialização de ideais de “dinamismo”, “flexibilidade” e “aventura” expressava-se na interpretação que davam ao trabalho na estação de esqui e, além disso, na prática dos esportes radicais de inverno. A conciliação entre tais interesses não parecia, segundo suas falas, se opor ao ritmo monótono e desinteressante de sua rotina de trabalho no Okemo, já que seus discursos simbolizavam a experiência de trabalho na neve enquanto um componente central na obtenção de tais qualificações. Embora tais ideais discursivos fossem recheados de contradições<sup>23</sup>, a sustentação das práticas de contratação e recrutamento desses estrangeiros pelo Resort recorria de maneira enfática a essas representações ideais diante daquele vínculo empregatício.

---

<sup>23</sup> Algumas dessas contradições são melhor abordadas e discutidas na seção final do capítulo 3 de minha dissertação de mestrado (DIAS, 2007), onde apresento alguns “dramas sociais” relacionados à exploração do trabalho desses sujeitos pelo Okemo.

## Programa de Trabalho Temporário Permanente: a experiência dos jamaicanos no Okemo

O contingente de trabalhadores jamaicanos recrutados sazonalmente pelo Okemo tinha um perfil um pouco diferenciado dos jovens apresentados anteriormente. Trata-se de um grupo de pessoas um pouco mais velhas, com média de idade que variam entre trinta e cinquenta anos, e que, no Resort, trabalhavam em funções internas relacionadas à limpeza e aos serviços de culinária. Esses trabalhadores, tais como os australianos e neozelandeses, também eram contratados por meio do Programa de Visto H-2B. Assim como os jovens da Oceania, eles também não tinham formação universitária e eram oriundos de uma classe trabalhadora vinculada a atividades do ramo turístico em sua terra natal. Vindos majoritariamente dessas áreas de “Resort” e já atuando previamente nesse tipo de emprego na Jamaica, muitos utilizavam o Programa de Trabalho Temporário como uma forma de vinculação empregatícia ou prolongamento regular da estada produtiva nos Estados Unidos.

No caso destes jamaicanos, não parecia haver qualquer vínculo entre sua estada e o “consumo” de imagens e produtos associados diretamente à estação de esqui ou ao Resort de luxo. Muito menos havia uma associação entre a procura por aqueles empregos e a concomitante busca por “crescimento pessoal” e/ou contatos multiculturais derivados desse tipo de viagem internacional. Eles estavam no complexo, antes de mais nada, pelas oportunidades de emprego sazonal que o mesmo oferecia e como uma forma de darem continuidade ao tipo de ocupação que tinham na Jamaica com remunerações financeiras, no entanto, mais vantajosas<sup>24</sup>.

A idéia de partida da Jamaica surge como uma possibilidade de maior valorização de seu trabalho e de ganhos financeiros mais expressivos. Com um histórico mais antigo de trabalho no complexo, alguns também pleiteavam o visto H-2B para atuarem em outros Resorts e complexos turísticos dos EUA durante o verão. Segundo conversas e depoimentos recolhidos em campo, alguns dos trabalhadores jamaicanos que estavam no Okemo durante a temporada de inverno 2005/2006 também costumavam trabalhar, no

---

<sup>24</sup> O apanhado que David Griffith (2006) faz sobre os trabalhadores jamaicanos vinculados ao Programa de Trabalho Temporário H-2B corroboram os dados encontrados em Vermont. Segundo o antropólogo, “we found that slightly more than two-thirds of Jamaicans working with H-2B visas did come from resort areas, although only a handful worked for places like Sandals, a chain of exorbitantly priced resort in the Caribbean” (GRIFFITH, 2006: 124).

verão, em Resorts e hotéis localizados no nordeste dos Estados Unidos, em estados como Massachussets, Maine e New York.

O recrutamento dessas pessoas se dava através do contato do departamento de recursos humanos do Okemo com uma única agenciadora jamaicana que é a responsável por recrutar esses trabalhadores e inseri-los nas posições demandadas pelo complexo. Essa agente detém um controle bastante grande sobre as contratações de jamaicanos feitas pelo Resort, além de operar em conexão com outros complexos turísticos dos Estados Unidos, fornecendo mão-de-obra para os mesmos também durante o verão.

Dessa forma, o recrutamento dos jamaicanos parece ocorrer sem a interferência direta do Okemo ou de agências intermediárias especializadas nesse tipo de agenciamento, mas através de indicações e redes de relacionamento já estabelecidas na Jamaica. Neste caso, há a consolidação de “redes informais”<sup>25</sup>, formadas, muitas vezes, por parentes que articulam um rearranjo de posições prévias de emprego no país caribenho em benefício de todo o grupo familiar. Oriundos de uma classe trabalhadora jamaicana bastante diferenciada de sua correlata australiana ou neozelandesa, os jamaicanos que estavam no Okemo pareciam mais dependentes daquele tipo de vínculo trabalhista e a entrada naquelas “redes informais” era, de certo modo, a garantia de manutenção de um emprego mais atraente e rentável.

É importante salientar que apesar do Okemo manipular e fazer uso de diferentes estratégias de contratação de seus trabalhadores temporários, seu cardápio de opções de mão-de-obra estrangeira é também estabelecido em decorrência de um determinado histórico de relações entre os Estados-nação que enviam e recebem esse tipo de fluxo. No caso da Jamaica, a tradição de fornecimento de mão-de-obra para os Estados Unidos é bastante sedimentada. Grasmuck & Pessar (1991) argumentam, por exemplo, que desde 1840 o país caribenho tem constituído a linha de frente dos processos migratórios “legalizados” ao país do norte.

De certa forma, os acordos bilaterais estabelecidos entre os Estados Unidos e os países das “Índias Ocidentais Britânicas” ajudam a explicar o vínculo histórico de

---

<sup>25</sup> Com essa terminologia, quero dizer que o recrutamento desses jamaicanos acontecia não através de agências especializadas na contratação de mão-de-obra estrangeira nem do vínculo explícito com o Okemo, mas por meio de uma rede de parentes, amigos e agenciador consolidada de forma não contratual e estabelecida em função de indicações personalizadas dos participantes do programa.

contratação de trabalhadores temporários jamaicanos pelos empregadores norte-americanos. Devido ao histórico de relacionamento privilegiado do país com os “Guestworker Programs” dos Estados Unidos, exemplos como os dos trabalhadores do Okemo tornaram-se bastante comuns. Um artigo de David Griffith escrito em 1986 aponta alguns dos motivos históricos que teriam levado as “British West Indies”, e a Jamaica em particular, a conformarem uma longa tradição de envio de trabalhadores temporários através do Programa de Vistos H-2 para os EUA. Ainda na década de 1940, segundo o antropólogo, a Jamaica foi um dos países escolhidos para suplementar o “Bracero” nas fazendas norte-americanas – através do “British West Indies Program” – e desde então mantém a tradição de enviar trabalhadores sazonais para os EUA através deste programa<sup>26</sup>.

As iniciativas de recrutamento desse tipo de mão-de-obra pelo Okemo deram-se, portanto, a partir do conhecimento, por parte do setor de RH do complexo, dessas “redes informais” tornadas possíveis, em parte, por conta destes históricos acordos internacionais. No caso do grupo de trabalhadores jamaicanos, as redes de recrutamento parecem apontar, através das descentralizações e atuação desses agenciadores, para um relacionamento mais direto e contínuo com o Resort. Além de subentendido o vínculo de trabalho até o final da temporada, boa parte dos jamaicanos pretendia voltar aos mesmos empregos no ano seguinte, o que fazia com que a viagem fosse prioritariamente concebida, no seu caso, como uma oportunidade de vinculação empregatícia nos Estados Unidos e acesso a uma estada regularizada no país. Nesse sentido, apesar de outras vivências e motivos também serem articulados e relacionados a essa inserção temporária no país do norte, a ênfase de seus discursos naquele tipo de viagem recaía sobre a oportunidade de sustentar as famílias na Jamaica ou mesmo de “melhorar de vida” através do emprego sazonal.

O fluxo de trabalhadores jamaicanos no Resort estabelecia, deste modo, um relacionamento mais duradouro com o mesmo. Muitos dos que trabalhavam para o complexo durante a pesquisa de campo já o haviam feito anteriormente e a gerente de recursos humanos lembrou que eles contratam anualmente apenas um número pequeno de

---

<sup>26</sup> De acordo com Griffith, “designed to supplement the larger Bracero program, the British West Indies were chosen as the source of additional foreign labor primarily because: 1) the islands were closer to the Eastern United States than Mexico; 2) the islands were experiencing high rates of unemployment because the war had decreased shipping and tourism; 3) diplomatic relations between the Crown Colony governments of the islands, the U.K., and the U.S. were such that intergovernmental agreements were negotiated easily; and 4) the BWI workers spoke English” (GRIFFITH, 1986: 876).

“novos” trabalhadores caribenhos. A maioria, disse ela, trabalha para o Resort desde o início das contratações internacionais, o que é sinal de que esse fluxo mais “perene” conforma, da perspectiva desses sujeitos, uma maior dependência frente aos empregos temporários oferecidos pelo complexo.

De fato, é importante problematizar os aspectos relacionados à real “sazonalidade” desse tipo de programa. Alguns dos jamaicanos com quem tive contato em Vermont já participavam desse tipo de “Guestworker Program” há mais de dez anos, alternando as temporadas de verão e inverno entre Jamaica e Estados Unidos ou mesmo prolongando a estada neste segundo país por até onze meses por ano. Nesse sentido, o mesmo programa que é encarado pelos jovens anteriormente apresentados como temporário também em suas perspectivas de vida, figura, ironicamente, como uma alternativa mais ou menos permanente para esses outros colegas da América Central, ainda que, do ponto de vista do Estado e de suas próprias representações, se trate apenas de uma situação provisória.

A justificativa de alguns trabalhadores jamaicanos com relação à duração extensa de seu vínculo com os Programas de Trabalho Temporário oficiais dos EUA dava-se, de acordo com suas falas, devido à impossibilidade de grandes ganhos durante o tempo em que passavam no Resort. O depoimento do jamaicano Charles, que trabalhava na cozinha de um dos restaurantes do Okemo, é uma boa ilustração nesse sentido. Ele comentou que participa do programa H-2B há dez anos e que seus planos iniciais eram os de conseguir juntar o dinheiro suficiente para abrir seu próprio restaurante na Jamaica. Tendo um vínculo de trabalho como cozinheiro em Kingston e já tendo realizado alguns cursos e treinamentos na área de culinária, os Estados Unidos surgiram, assim, como uma boa oportunidade de ganhar dinheiro para concretizar seus planos mais abrangentes. O problema era que, segundo ele, se continuasse a trabalhar para lugares como o Okemo, teria que ficar no programa por muito mais tempo do que esperava:

*“Eu já vim aqui para os EUA mais de dez vezes. Já perdi as contas! Comecei em 1996, com um recrutamento do próprio governo para trabalhar nos Estados Unidos. Depois de um tempo, isso passou a ser feito por um agente privado (...) Eu já queria até ter parado. Mas não economizei o dinheiro suficiente para abrir um restaurante meu na Jamaica. E finalmente, poder fazer o que eu gosto!”.*

Embutida neste relato de Charles está uma certa decepção quanto ao prolongamento de sua estada e às baixas perspectivas de promoção dentro do próprio Resort e de integração à sociedade norte-americana. Ao mesmo tempo que a experiência do jamaicano evidencia essas barreiras de ascensão intrínsecas ao vínculo sazonal com esse tipo de “Guestworker Program”, ela sugere seu descontentamento com a insuficiente economia feita para se livrar daquele tipo de vínculo. No caso, fica explícita a consciência de Charles sobre a situação de dependência diante de um emprego sazonal que não permite uma real integração ao mercado de trabalho dos Estados Unidos.

De fato, a perpetuação desse grupo de trabalhadores no mercado de trabalho norte-americano acaba certamente refletindo sua maior dependência junto aos “Guestworker Programs” norte-americanos e a falta de oportunidades mais atraentes no mercado de trabalho jamaicano. O prolongamento da estada dos participantes nesses programas oficiais deve ser visto a partir dessa chave, já que a vida de muitos deles passa a depender e a ser conformada pelos mesmos.

Diferente das representações dos australianos e neozelandeses, aquele ambiente da estação de esqui era narrado por muitos dos jamaicanos com quem tive contato simplesmente como um lugar de trabalho e o frio parecia, no seu caso, sinônimo de restrição e encolhimento, além de ser constantemente significado em oposição às imagens que traziam da Jamaica, como um país quente e acolhedor. Além das atividades relacionadas à prática de esqui não serem vistas como diversões possíveis, o ambiente de Resort não tinha o menor sentido de lazer para eles. As atividades rotineiras mais comuns existentes em seu dia a dia restringiam-se, por sua vez, a trabalhar, assistir televisão, jogar dominó, cozinhar e fazer compras. Como o comércio local de Ludlow era formado apenas por pequenas lojas de artesanato destinadas especialmente a turistas, os espaços freqüentados por eles eram bem menos amplos e ficavam restritos ao trabalho e à casa, não figurando Ludlow ou o Resort como opções de lazer abrangentes.

Uma das poucas atividades que os fazia escapar da rotina “trabalho-casa” durante a estada em Ludlow eram as “shopping-trips” feitas até a cidade de Claremont, no estado de New Hampshire<sup>27</sup>. Algumas dessas viagens para compras eram patrocinadas pelo próprio

---

<sup>27</sup> O estado era o preferido para compras pelos funcionários do Okemo devido à isenção de taxas. Os produtos eram, por conta disso, oferecidos a um preço relativamente reduzido.

Resort e oferecidas quinzenalmente a todos os empregados. Os jamaicanos faziam lá suas compras de comidas e itens de subsistência, além de compras de acessórios para parentes, amigos e para si próprios. As “shopping-trips” interessavam sobremaneira a esses trabalhadores. O consumo de itens promocionais ia ao encontro de suas expectativas nos Estados Unidos e alguns, como comentou Dorothy, chegavam a revender algumas mercadorias quando retornavam à Jamaica<sup>28</sup>.

Além da importância dessas viagens de compra, um outro aspecto importante de explicitar com relação aos significados da experiência de deslocamento daqueles sujeitos nos Estados Unidos é o fato de muitos deles terem parentes que residiam nos EUA e de também utilizarem o Programa de Trabalho Temporário como uma forma de entrada regular no país. Isso está de acordo com as afirmações sobre a existência de redes de contato mais extensas e estruturadas existentes tanto no recrutamento desses jamaicanos quanto em sua rotina e dia a dia nos Estados Unidos. Esse achado etnográfico reforça o fato da diáspora ser um fator constitutivo da experiência social de muitos caribenhos espalhados pelo mundo (BASCH *et. al.*, 1994) e deixa entrever como alguns desses jamaicanos utilizavam os “Guestworker Programs” oficiais do Estado norte-americano para empreender visitas a parentes e burlar formas mais arriscadas e/ou onerosas de ter contato com essas pessoas.

A experiência dos jamaicanos no Resort passava, desse modo, por uma perspectiva de viagem e trabalho diferenciada da dos demais estrangeiros. Aquele tipo de vínculo empregatício e inserção nos Estados Unidos não lançava mão de nenhum discurso referente a um “estilo de vida” almejado ou a uma oportunidade de “investimento pessoal”. Ao

---

<sup>28</sup> Os dados da pesquisa realizada por David Griffith junto aos jamaicanos vinculados ao “Guestworker Program” para trabalhadores agrícolas H-2A nas plantações de cana e maçã do nordeste dos Estados Unidos (1986) parecem bastante similares àqueles por mim encontrados em Vermont. Em seu trabalho, Griffith comenta sobre o interesse dos jamaicanos pelo consumo de roupas, sapatos, jóias, eletrônicos e outros itens promocionais e sobre o papel desse dinheiro gasto por aqueles sujeitos nas grandes redes atacadistas norte-americanas: “In U.S. discount department stores, prices for clothes, shoes, jewelry, tape players, and other consumer goods are extremely low compared to prices of the same, imported items in Jamaica. Based on interviews with 21 Jamaican workers in the U.S, between 40 percent and 50 percent of their net earnings are spent in the U.S. for consumer goods (...) In light of spending behaviors, moreover, it is no wonder that Jamaican peasants, witnessing the return of the farm workers with suitcases full of clothes, and other goods, their girlfriends, wives, and children dressed in the fine clothes for Easter services, conceive of the United States as a land not only of opportunity but of ‘many pretty things’. The farm workers’ material testament to this further nourishes the desire among these peasants to participate in the alien labor program” (GRIFFITH, 1986: 887).

contrário, a ênfase no trabalho como possibilidade de ganhos materiais palpáveis para a manutenção de um certo rendimento e da vida de parentes e afins na Jamaica era o grande definidor dos discursos e práticas da maioria daqueles estrangeiros em Vermont. Ainda que outras razões e motivações também fossem levantadas para justificar aquela estada temporária em Ludlow, a extensão do vínculo junto aos “Guestworker Programs” norte-americanos dava conta de salientar um tipo de inserção menos afeita a discursos de “juventude” e de “aprimoramento pessoal” geradas através da experiência de migração sazonal nos Estados Unidos.

### **Conclusão**

Este artigo pretende servir, simultaneamente, como contribuição e contraponto às discussões “macro-analíticas” desenvolvidas sobre a mobilidade de trabalhadores estrangeiros na globalização contemporânea, a partir de um estudo de caso que explora os significados de um tipo específico de deslocamento relacionado a alguns “Guestworker Programs” oficiais do Estado norte-americano. As abordagens feitas sobre a inserção de mão-de-obra estrangeira nos EUA através destes Programas de Trabalho Temporário enfatizam, prioritariamente, questionamentos e explicações “megaconceituais” relativas às transformações da sociedade norte-americana e de seu mercado de trabalho. Essas análises são, de fato, uma base explicativa coerente para a compreensão de alguns fenômenos relacionados à precarização do trabalho e à (re)consideração dos “Guestworker Programs” na atual conjuntura do país.

A partir de tais teorias e explicações, é possível, por exemplo, compreender as opções de contratação de mão-de-obra estrangeira pelo Okemo como resultado de um cenário conformado pela permissividade da sociedade norte-americana diante das relações “flexíveis” e precárias que inundam seu mercado de trabalho, bem como por um discurso oficial que justapõe de maneira dúbia liberalidade e controle: liberalidade do ponto de vista das relações de trabalho (via flexibilização) e controle do ponto de vista da vigilância das fronteiras e do movimento dos diferentes fluxos de trabalhadores e imigrantes. O Okemo ocorre em uma determinada conjuntura e figura como um bom representante da grande liberalidade atualmente concedida a um tipo de empregador capaz de recrutar sua mão-de-obra através de diferentes “Guestworker Programs” oficiais dos EUA.

A maior contribuição do texto, todavia, está na possibilidade de não somente problematizar as questões relativas à difusão desses programas no mercado de trabalho norte-americano, mas de descrever e analisar a diferença no modo pelo qual grupos e sujeitos oriundos de contextos sociais distintos vivenciavam a experiência de migração temporária do ponto de vista de suas práticas e representações. Tal perspectiva analítica permitiu ver como os conceitos de “trabalho”, “migração”, “deslocamento”, “viagem” e “juventude” ganhavam suporte e sentido na realidade de sujeitos concretos, ajudando a modelar e definir suas ações e imaginários. Em outras palavras, menos do que teorizar sobre o sentido da utilização de “Guestworker Programs” por empregadores e pelo Estado norte-americano, procurei mostrar como o sentido atribuído pelos trabalhadores temporários do Okemo à migração sazonal era dependente de uma série de concepções, projetos e valores associados simultaneamente a suas sociedades de origem e destino. A representação de atividades laborais na chave de concepções como “experiência”, “desprendimento” e “investimento”, por exemplo, apesar de terem relação com ideologias caras à globalização contemporânea e à difusão de um imaginário de “flexibilidade” próprio de nosso tempo, são incisivamente dependentes de particularidades relativas a suas classificações e contextos locais.

Concomitantemente, ao problematizar a diferença na maneira como estrangeiros oriundos de contextos e realidades distintas lidavam com aquela experiência de migração sazonal, a análise etnográfica aportou em uma realidade difícil de ser apreendida através de um arsenal teórico que segmenta e dissocia concepções de “trabalho”, “migração” e “turismo”. Isso porque, nas representações dos trabalhadores temporários do Okemo, era exatamente a indissociabilidade de tais concepções o que dava sentido e fundamento à sua experiência nos EUA. O relato etnográfico sinaliza, assim, para a fragilidade de alguns “megaconceitos” estabelecidos para lidar com espaços como o Resort. Nesse sentido, a descrição da multiplicidade de representações relacionadas àquela experiência “comum” de migração sazonal de seus trabalhadores aponta tal fragilidade, além de buscar ser uma alternativa à mesma.

É a partir desse tipo de análise, que evidencia os significados da experiência de migração sazonal de grupos e sujeitos distintos em um contexto etnográfico determinado, que generalizações abrangentes acerca de “mobilidade” e “trabalho” na globalização

contemporânea podem ser reconsideradas. O estudo de caso mostra como é impreciso teorizar sobre “mobilidade” em um sentido genérico, ainda mais quando se dissocia o fenômeno do deslocamento humano de saberes locais e concepções particulares. Além disso, ao descrever como a experiência de migração daqueles sujeitos constitui-se através de práticas e representações referenciadas simultaneamente a suas sociedades de origem e destino, a análise etnográfica empreendida busca problematizar o fenômeno da migração sazonal levando em conta os múltiplos vínculos e simbologias estabelecidos pelos diferentes agentes que participam do processo.

## Referências bibliográficas:

- ADLER, Judith. (1985) "Youth on the road – reflections on the history of tramping" en *Annals of Tourism Research*, Vol. 12, pp. 335-354.
- BASCH, L., SHILLER, N.G. & BLANC, C.S. (1977) *Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized identities*. London, Heinemann Educational.
- BERGSTROM, O. & STORRIE, D. (2003) *Contingent Employment in Europe and the United States*. Edward Elgar Publishing.
- BIANCHI, Raoul V. (2003) "Migrant tourist-workers: exploring the 'contact zones' of post-industrial tourism" en *Current Issues in Tourism*, vol. 3, no. 2.
- BRIGGS Jr., Vernon M. (1986) "The 'Albatross' of immigration reform: temporary worker policy in the United States" en *International Migration Review*, Vol. 20, n.º. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 995-1019.
- BRIGGS Jr., Vernon M. (2004) "Guestworker Programs – Lessons from the past and warnings for the Future" en *Journal of the Center for Immigration Studies*, March.
- CALAVITA, Kitty. (1992) *Inside the state: the bracero program, immigration and the I.N.S.* New York, Routledge.
- CALAVITA, Kitty. (1994) "U.S. immigration and policy responses: the limits of legislation" en Cornelius, W.; Martin, P.; Hollifield, J. *Controlling Immigration: a Global Perspective*. Standford, Standford University Press.
- CASTLES, Stephen. (1986) "The Guest-Worker in Western Europe – An Obituary" en *International Migration Review*, Vol. 20, n.º. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 761-778.
- CASTLES, Stephen. (2006) "Guestworker in Europe: A Resurrection?" en *International Migration Review*, Vol. 40, n.º4, pp. 741-766.
- CUNNINGHAM e HEYMAN. (2004) "Introduction: mobilities and enclosures at borders" en *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol.11, n.º 3.
- DIAS, Guilherme Mansur. (2004) *Juventude e Globalização: o caso dos intercâmbios culturais*. Relatório Final de Iniciação Científica.
- DIAS, Guilherme Mansur. (2007) *Experiências de Trabalho Temporário nos Estados Unidos: uma abordagem etnográfica do Okemo*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. (2001a) "Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: Cultural Constructions of Sameness and Difference" in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, Estados Unidos, v. 8, p. 607-650.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. (2001b) "Colonialism as a Continuing Project: The Portuguese Experience". *Identities: Global Studies in Culture and Power*, Estados Unidos, v. 8, p. 477-482.
- GRASMUCK & PESSAR. (1991) *Between two islands: dominican international*

*migration*. Berkeley, University of California Press.

GRIFFITH, David. (1986) "Peasants in reserve: temporary West Indian labor in the U.S. farm labor market" en *International Migration Review*, Vol. 20, n<sup>o</sup>. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 875-898.

GRIFFITH, David. (2006) *American Guestworkers: jamaicans and mexicans in the U.S. labor market*. University Park, The Pennsylvania State University Press.

HAHAMOVITCH, Cindy. (2003) "Creating Perfect Immigrants: Guestworkers of the World in Historical Perspective" en *Labor History*, Vol. 44, No. 1.

HOUSTON, M.F. & MARTIN, P.L. (1979) "The future of international labor migration" en *Journal of International Affairs*, Vol. 33, n<sup>o</sup> 2.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. (2004) *O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo*. Tese de doutorado defendida no IFCH. Campinas.

LORENTZ, Karen. (1996) *Okemo: all come home*. Montpelier, S/Ed..

MACHADO, Igor J. de Renno. (1997) *Dias em Movimento: espaço e poder numa "comunidade-dormitório" mineira*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

MARTIN, Philip L. (1998) "Guestworkers: Past and Present" en *Factor that Influence Migration: The Binational Study: migration between Mexico and the US*, Texas University.

MARTIN, Philip L. (2003) *Managing Labor Migration: Temporary Worker Programs for the 21st Century*. Geneva, September.

MUNT, Ian. (1994) "The 'other' postmodern tourism: culture, travel and the new middle classes" en *Theory, Culture and Society*, Vol. 11, pp. 101-123.

PASTOR, Manuel e ALVA, Susan. (2004) "Guest Workers and the new transnationalism: possibilities and realities in an age of repression" en *Social Justice*, Vol. 31, Nos. 1-2.

RIBEIRO, Gustavo L. (1997) "A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo" en *Viagens à Natureza: Turismo, Cultura e Ambiente*. Serrano, C. e Bruhns, H. (orgs.). Campinas, Papirus.

RUHS, Martin. (2002) "Temporary foreign worker programmes: Policies, adverse consequences, and the need to make them work" en *International Labor Organization (ILO)*, Geneva.

RUHS, Martin. (2005) "The Potential of Temporary Migration Programmes in Future International Migration Policy" en *Global Commission on International Migration*. Geneva, September.